

A EFERVESCÊNCIA HISTÓRICA EM QUE COUTINHO ESCREVE SEUS CONTOS

Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira

Fernanda Viana de Sena

Nataniel dos Santos Gomes

1. Introdução

Os contos de Ismael de Lima Coutinho são os objetos deste estudo e serão analisados seguindo os princípios de Ernst Frideryk Konrad Koerner, sendo que este capítulo ater-se-á à contextualização histórica. Em um período de efervescência e instabilidades mundiais e nacionais é que Ismael de Lima Coutinho escreve parte de sua obra, desde a época em que esteve no seminário até sua posterior saída para abraçar o magistério.

O pós-guerra, a revolução russa, as vanguardas europeias, a Semana da Arte Moderna e as disputas internas pelo poder que aconteceram durante a República Velha fazem parte desta contextualização.

2. Contexto em que Ismael de Lima Coutinho escreveu seus contos

Foi em um mundo que acabara de viver a traumática experiência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Revolução Russa (1917) que Ismael de Lima Coutinho começou a escrever suas primeiras obras. A Primeira Guerra Mundial pode ser considerada a primeira guerra global, “(...) de 1914 em diante, as guerras foram inquestionavelmente guerras de massa” (HOBSBAWM, 1997, p. 42) em que, potências, lutando pela hegemonia econômica, desencadearam o sangrento conflito. Essas potências dividiram-se em dois grandes blocos, um formado por França, Reino Unido e Império Russo e outro formado pelo Império Alemão, Áustria-Hungria e a Itália, sendo que esta última, no meio da guerra, troca de lado em favor do primeiro grupo de potências. Sobre a Primeira Guerra Mundial o historiador Eric Hobsbawm faz a seguinte citação:

“As luzes se apagam em toda a Europa”, disse Edward Grey, secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, observando as luzes de Whitehall na noite em que a Grã-Bretanha e a Alemanha foram à guerra. “Não voltaremos a vê-las acender-se em nosso tempo de vida”. Em Viena, o grande satirista Karl Kraus preparava-se para documentar e denunciar essa guerra num extraordinário drama-reportagem a que deu o título de *Os Últimos Dias da Humanidade*. Ambos viam a guerra mundial como o fim de um mundo, e não foram os únicos. (HOBSBAWM, 1997, p. 24)

O historiador cita um diplomata e um escritor para ajudá-lo a definir o caos da guerra, mas as duas primeiras metades do século XIX ainda veriam o caos proporcionado pela Revolução Russa de 1917. Esta revolução veio em momento em que a população russa sofria com muitos problemas sociais, a saber a pobreza gene-

realizada entre a população camponesa, a classe operária vivia com salários miseráveis e a população como um todo era oprimida pelo já superado regime czarista, desta a forma a revolução foi o catalizador do inevitável fim da monarquia czarista. Quando os bolcheviques revolucionários chegaram ao poder levaram consigo as promessas de igualdade sociais e econômicas que a ditadura do proletariado proporcionaria a toda a população, afinal de contas o mundo vivia sob um modelo capitalista e burguês opressor e até então não havia alternativa para tal, sobre a alternativa que o comunismo apresentava na ocasião Hobsbawm faz o seguinte apontamento:

O capitalismo e a sociedade burguesa transformaram e dominaram o mundo, e ofereceram o modelo – até 1917 o único modelo – para os que não queriam ser devorados ou deixados para trás pela máquina mortífera da história. Depois de 1917, o comunismo soviético ofereceu um modelo alternativo, mas essencialmente do mesmo tipo, exceto por dispensar a empresa privada e as instituições liberais. (HOBSBAWM, 1997, p. 159)

A ascensão do comunismo na Rússia veio como uma chama de esperança, afinal de contas pregava-se a luta pela igualdade social em um sistema que seria conhecido como ditadura do proletariado, ou seja, o povo, as camadas mais humildes da população estariam no poder.

Em meio ao caos da guerra e da Revolução Russa a comunidade europeia ainda conseguia produzir arte, destacando-se nesse período as chamadas vanguardas europeias que eram movimentos artísticos que buscavam uma ruptura com o tradicional e uma nova estética nas artes. movimentos como o Cubismo de Pablo Picasso, o Dadaísmo com sua estética que pretendia chocar a bur-

guesia, o Expressionismo inquieto e subversivo, o Surrealismo com seu viés freudiano e o Futurismo influenciavam vários países mundo afora, sendo que o Brasil foi um deles. Em terra *brasilis* as vanguardas influenciaram sobremaneira o movimento modernista, “um divisor de águas” (BOSI, 2006) entre a estética relacionada ao Parnasianismo e ao Simbolismo e o que se convencionou chamar de moderno. O movimento eclodiu com A Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, em São Paulo (SP). Sobre a influência das vanguardas europeias nas artes brasileiras Alfredo Bosi faz a seguinte observação:

Em um nível cultural bem determinado, o contato com os setores mais inquietos de São Paulo e do Rio mantinham com a Europa dinamizaria as posições tomadas, enriquecendo-as e matizando-as. Começam a ser lidos os futuristas italianos, os dadaístas e os surrealistas franceses. Ouve-se a nova música de Debussy e de Millaud. Assiste-se ao teatro de Pirandello, ao cinema de Chaplin. Conhece-se o cubismo de Picasso, o primitivismo da Escola de Paris, o expressionismo plástico alemão. (BOSI, 2006, p. 325)

Os acontecimentos relativos à Semana tiveram vários desdobramentos posteriores e propiciou o encontro de várias tendências modernas, permitiu a publicação de livros e revistas, ou seja, deu oportunidade ao novo, ao moderno de apresentarem-se à sociedade. Mas não foi sem oposição que tudo isso aconteceu, o parnasiano dominante reagiu

Menotti de Picchia, em seu discurso, prevê que os conservadores desejam enforcá-los "um a um, nos finos assobios de suas vaias". Mas, apesar da agitação, Menotti, orador oficial da noite, vai desafiando o ideário do grupo. (BOSI, 2006, p. 360)

A Semana da Arte Moderna expressava o que a sociedade buscava, modernidade, e esta era o oposto do que acontecia na vi-

da política do país, no início do século XX ainda preso ao período da chamada Primeira República ou República Velha, o Brasil colhia consequências do que acontecia na Europa. O Brasil teve uma pequena participação na Primeira Guerra, embora a participação fosse insignificante, rendeu ao país um Assento na Conferência de Versalhes e que se tornasse um dos membros fundadores da chamada Liga das Nações.

Vivendo sob a denominada política dos governadores, que era um extrato do domínio de uma oligarquia rural em toda a república, a incipiente indústria começava a crescer de importância, juntamente com um grupo de profissionais liberais e militares, estes últimos com grande influência política, pois foram os proclamadores da república. É claro que as pessoas pertencentes à “nobreza fundiária” (BOSI, 2006) eram conservadoras e não viam com bons olhos essa modernidade nas artes que influenciava os cidadãos a subverterem-se.

O Brasil vivia ainda dois fenômenos importantes em sua história a urbanização e a industrialização. A primeira aconteceu quando os cidadãos começaram a deixar o campo em busca de novas oportunidades nas cidades, e, de fato a vida na cidade proporcionava mais oportunidades às pessoas. Sobre a urbanização brasileira Boris Fausto faz a seguinte observação:

Todas as cidades cresceram, mas o salto mais espetacular se deu na capital do Estado de São Paulo. A razão principal desse salto se encontra no afluxo imigrantes espontâneos e de outros que trataram de sair das atividades agrícolas. A cidade oferecia um campo aberto ao artesanato, ao comércio de rua, às fabriquetas de fundo de quintal, aos construtores autodenominados “mestres italianos”, aos profissionais liberais. Como opção mais precária era

possível empregar-se nas fábricas nascentes ou nos serviços domésticos. (FAUSTO, 1995, p. 284)

As pessoas que viviam nos centros urbanos começavam a ficar politizadas e queriam participar do processo político nacional, eram inquietas e questionavam os privilégios dos grandes proprietários rurais. Sobre as mudanças na sociedade brasileira, Alfredo Bosi em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira* faz a seguinte anotação:

Os movimentos operários em São Paulo, durante a guerra de 1914-18 e logo depois, eram sintoma de uma classe nova que já se debatia em angustiantes problemas de sobrevivência numa cidade em fase de industrialização. E as tentativas militares de 22, de 24, e a Coluna Prestes de, em 25, significavam a reação de um grupo liberal-reformista mais afoito que desejava golpear o status quo político, o que só ocorreria com a Revolução de 30. (BOSI, 2006, p. 325)

O segundo fenômeno citado, a industrialização, está intimamente ligado à queda da lucratividade do café, o que levou a burguesia cafeeira a diversificar seu ramo de atuação, sendo que a indústria foi uma das alternativas. A industrialização caminhou de mãos dadas com a migração e a imigração e sobre o referido fenômeno Boris Fausto faz o seguinte apontamento:

É comum a referência à Primeira Guerra Mundial como um período de incentivo às indústrias, dada a interrupção da concorrência de produtos importados. Mas a década de 20 foi pelo menos tão significativa como os anos de guerra, pois nela começaram a aparecer tentativas de superar os limites de expansão industrial. Incentivadas pelo governo, surgiram duas empresas importantes: em Minas a siderúrgica Belgo-Mineira, que começou a produzir em 1924; em São Paulo, a companhia de cimento Portland, cuja produção foi iniciada em 1926. (FAUSTO, 1995, p. 288)

Muitos dos acontecimentos citados aconteceram durante o governo de Epitácio Pessoa, que teve que lidar com toda aquela agitação política e social. Nas cidades, militares, profissionais liberais e empresários lutavam por reformas profundas na então República Velha, no interior os coronéis lutavam para manter seus privilégios econômicos e sua hegemonia na política. O Rio de Janeiro, capital do Brasil à época, foi particularmente palco de alguns episódios históricos importantes como a Marcha dos Dezoto do Forte, ou revolta do Forte de Copacabana que desencadeou o chamado movimento tenentista. Este foi um movimento idealizado e realizado por militares de baixa patente, no máximo por oficiais intermediários (capitães) que questionavam a estrutura política sob a qual estava assentada a república. Sobre o movimento tenentista Boris Fausto faz a seguinte citação:

O primeiro ato de rebeldia foi a Revolta do Forte de Copacabana, ocorrida a 5 de julho de 1922. O clima de ofensas, falsas ou verdadeiras, ao Exército e a repressão contra o clube militar levaram os jovens tenentes a se rebelar, como um protesto destinado a salvar a honra do Exército. A revolta não se estendeu a outras unidades. Depois de lançar os primeiros tiros de canhão, os rebeldes sofreram bombardeios em represália e ficaram cercados. (FAUSTO, 1995, p. 307-308)

Foi durante essa conturbada época que Ismael de Lima Coutinho começou a escrever sua obra.

3. Ismael de Lima Coutinho

Ismael de Lima Coutinho nasceu em 12 de maio de 1990 em Parequema, município de Santo Amaro de Pádua, no estado do

Rio de Janeiro. Filho do modesto comerciante José Coutinho de Carvalho, dono de um armazém de secos e molhados, e da costureira D. Amélia Mascarenhas de Lima, Ismael de Lima Coutinho teve uma infância pobre e ajudava a família vendendo pães no arraial onde morava.

Muito estudioso, à noite, dedicava-se às leituras sob a luz de um modesto candeeiro. Passava tantas horas entregue aos estudos, que seu corpo magro chegou, certa vez, a furar a palha da cadeira onde se sentava.

Aprendeu com a professora local Lourença Guimarães as primeiras letras e com José Pinto de Souza, tinha aulas extras em uma modesta casa de negócios onde o professor, nas horas vagas, reunia os meninos da redondeza para ensinar.

Foi com o professor José Pinto de Souza que Ismael recebeu orientações para a leitura de bons autores tais como Padre Antônio Vieira e incentivo para continuar os estudos.

Para completar os estudos e ajudar a família financeiramente, aos 17 anos ingressou no seminário São José em Niterói. Pelos conhecimentos que já possuía, começou em série avançada e para compensar a gratuidade do seu curso, ensinava os alunos das turmas mais atrasadas.

Nos nove anos que passou no Seminário, Ismael de Lima Coutinho consolidou seus estudos de latim e grego e aprofundou seus conhecimentos sobre a língua e a gramática. Pela dedicação aos estudos e o desempenho de seu trabalho, conquistou a confiança e estima de D. Agostinho Benassi, de quem se tornou secretário particular e grande amigo.

Devido a problemas de saúde, afastou-se do Seminário. Tentou regressar, mas ao saber da morte de D. Agostinho Benassi, e por outras razões pessoais, decidiu afastar-se em 1926.

No ano seguinte, iniciou sua carreira docente no colégio Sílvio Leite no Rio de Janeiro. Em 1929, retornou à cidade natal e lecionou no Educandário José Lavaquial Biosca por dois anos, atendendo aos pedidos de seus conterrâneos. Nesse período foi convencido a se candidatar a uma vaga para a cátedra de português no Liceu de Humanidades de Campos. Apresentou duas teses, uma de livre escolha e a outra por imposição regulamentar. Os temas propostos “Problema da crase” e “Criações internas do nosso idioma” foram apresentadas com maestria e segurança.

Em 1929, casou-se com D. Catarina Tavares de Lacerda e em dezembro de 1932 concluiu o curso de ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Não exerceu a profissão de advogado devido a sua vocação e paixão pelo magistério e pelos estudos de línguas clássicas e conforme lembra Eduardo Carlos Pereira:

Durante anos, lecionou Português, latim e grego no Colégio Brasil e no Colégio Bittencourt Silva. Várias gerações de adolescentes passaram por suas magistrais aulas e, de boca em boca, de coração em coração, voava o nome do professor querido, aclamado por seus discípulos como a figura angélica de pai e conselheiro

Em 1937, assumiu o concurso para professor da escola técnica secundária da prefeitura do então Distrito Federal, chegando ao cargo de coordenador de cursos do Instituto de Educação atual Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro. A Niterói da época de Ismael de Lima Coutinho era importante centro urbano e

ostentava o título de Capital do Estado do Rio de Janeiro, pois a cidade do Rio de Janeiro era a capital do Brasil na ocasião e ambas as cidades compartilhavam a efervescência política das duas primeiras décadas do século XX.

Exerceu também, cargos públicos de natureza político-administrativa: foi secretário da prefeitura de Niterói, secretário de educação e cultura, membro da Comissão do Livro Didático do Ministério da Educação e presidente do Conselho Nacional de Educação. Fundou a Academia Brasileira de Filologia em agosto de 1944 e colaborou para a fundação da atual Universidade Federal Fluminense de Filosofia tendo sido o primeiro diretor eleito. Neste último estabelecimento de ensino, ministrou aulas de língua e literatura latina.

O domínio de outras línguas facultou o acesso a obras modernas lançadas na época. “Punha-se dessa forma sempre atualizado das últimas conquistas da ciência da linguagem” (ROBERT, 2011, p. 91). Mas, mesmo tendo uma atividade acadêmica e cultural intensa, deixou poucas obras escritas.

4. A produção de Ismael de Lima Coutinho

4.1. Gramática histórica

A gramática histórica lançada em 1938 com o título de *Pontos de Gramática Histórica* é o resultado das lições professadas em sala nos diversos estabelecimentos de ensino onde exerceu o magistério. As lições foram, primeiramente, publicadas em fascí-

culos. Com o incentivo de alunos e professores, as lições foram reunidas em um único volume, ficando mais econômico e resistente.

A 1ª edição esgotou-se com rapidez e a 2ª edição “melhorada” foi publicada em 1941. Já a 3ª edição, só foi publicada 13 anos após a última edição devido a razões outras que impediram o autor de submeter a obra a uma cuidadosa revisão.

Ainda que na essência, a obra continuasse a mesma, o autor, sempre atento às “lições dos críticos”, corrigiu algumas falhas, ampliou capítulos e atualizou os conceitos. Mesmo com a observação de filólogos nacionais e estrangeiros de que o título era “demasiado modesto”, Ismael de Lima Coutinho não alterou o nome do livro nesta edição. Antes, destinado aos alunos do curso secundário, passou a ser utilizado também por alunos que pretendiam exercer a docência de língua portuguesa.

Na 4ª edição, houve alguns reparos e o acréscimo de dois capítulos: um sobre perfeitos fortes e o outro sobre elementos gregos frequentemente utilizados em português. Este último capítulo, presente na 1ª edição, retornou para atender aos programas das faculdades de filosofia e de cursos superiores de português. Nesta edição, o título foi alterado para *Gramática Histórica*, mas na folha de rosto, o nome primitivo foi mantido.

Em 1962, a *Gramática Histórica* chega a sua 5ª edição, a última publicada em vida do autor. Preocupado em fornecer ao leitor uma obra de qualidade, nesta edição, acrescentou teorias mais modernas e algumas correções foram feitas.

A *Gramática Histórica* foi publicada até a 7ª edição e sempre com edições anteriores esgotadas.

4.2. Artigos

Vários artigos publicados pelo autor tratam “de palavras que apresentam controvérsia quanto à sua etimologia” (ROBERT, 2011, p. 09). Aliás, conhecer a origem das palavras, era outra paixão do autor. O “z” do Antigo Latim, “O estudo sobre parricida”, “História de uma palavra: Persona”, “Estremunhar”, “estremunhado” (escrito para homenagear Serafim da Silva Neto na *Miscelânea de Estudos*), “Estudos sobre a Ândria de Terêncio” (tese que o Ismael de Lima Coutinho estava trabalhando nos seus dois últimos anos de vida), “O verso hexâmetro” e notas sobre a etimologia de “escorregar, estro e escalfar” são alguns considerados inéditos.

4.3. Poesias

Ismael de Lima Coutinho deixou dois livros de poesias: *Bosquejos* e *Silhuetas*. *Bosquejos* possui 185 poesias produzidas entre 1919 e 1922 e possui antelóquio, índice e dedicatória, demonstrando estar pronto para ser publicado. Segundo Ismael de Lima Coutinho, as poesias em *Bosquejos* foram produzidas “sem pretensões artísticas”, obedecendo a “impulsos do coração”. Espontâneas e escritas com linguagem simples, as poesias foram dedicadas aos pais e irmãos. *Silhuetas* tem produções de 1922 até 1925 e não apresenta itens pré e pós-textuais mas, aparecem algumas páginas em branco após os escritos, aparentando estar inacabado. Segundo Luiza Lobo (2011)

Enquanto *Bosquejos* é apresentado ao leitor como um livro íntimo e pouco pretensioso, quase uma lembrança para a família, pa-

rece-me que em *Silhuetas* Ismael de Lima Coutinho procurou esmerar-se ainda mais na forma (...). Aqui a temática é mais séria, mais literariamente selecionada. (LOBO, 2011, p. 22-23)

A religiosidade cristã é muito presente nas poesias do autor, principalmente em *Bosquejos*. A natureza, a vida no campo, animais, pássaros (frequente nos poemas), a família e sentimentos como tristeza, saudade, mágoa também são abordados na obra do autor.

4.4. Contos

A produção artística de Ismael de Lima Coutinho estendeu-se aos contos manuscritos à tinta, a lápis ou datilografados. Dentre os contos produzidos pelo autor estão: “O negro Eugênio” (escrito especialmente para o jornal), “A pedra lisa”, “Tio Jacintho”, “O Benedito”, “O velho tropeiro” e o “Santo Eremita”.

Em todos os contos, o autor faz referência a cenas da natureza, e, principalmente, aos pássaros. A religiosidade também é observada, especialmente no conto “O Santo Eremita”. Já em “O Benedito”, o autor explora valores morais e éticos quando aponta situações familiares tais como a dificuldade financeira, o trabalho e o vício. Alguns contos apresentam um perfil social como “O negro Eugênio” e “Pedra lisa” que abordam a situação do negro.

Mesmo pequenas diante da sua intensa atividade cultural, as produções de Ismael de Lima Coutinho demonstram simplicidade aliada a um amplo conhecimento da língua, apresentando sentenças bem construídas.

5. Conclusão

Este capítulo buscou contextualizar o período histórico em que Ismael de Lima Coutinho viveu e principalmente produziu suas obras acadêmicas e literárias. Além disso, pretendeu-se explicar um pouco sobre a vida do autor e suas obras.

Em um período marcado pela Revolução Russa e pela Primeira Guerra Mundial, Ismael de Lima Coutinho construiu o seu saber dedicando longas horas em estudos e leituras. No Seminário, onde permaneceu por nove anos, aprofundou seus conhecimentos sobre a língua e sobre a gramática. Ao deixar o Seminário, ingressou na docência onde permaneceu até sua morte.

Sua principal obra, a *Gramática Histórica*, com sucessivas edições esgotadas, teve o reconhecimento de especialistas como Joaquim Matoso Câmara Jr. que considerou o livro de “alto nível” (VALLE, 2001, p. 37).

Ismael de Lima Coutinho “não se insere na revolução modernista brasileira”, como se vê em seus contos e em suas poesias, segundo escreveu Luiza Lobo (2011, p. 16). Influenciado especialmente por Olavo Bilac, o autor abordou com simplicidade temas como a religiosidade cristã, a natureza e a família. Já os artigos escritos pelo autor, demonstram seu amplo conhecimento de assuntos linguísticos, explanados com grande maestria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos da gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LOBO, Luiza, A voz espiritual de Ismael de Lima Coutinho. In: COUTINHO, Ismael. *Silhuetas*. Edição, apresentação e Notas de José Pereira da Silva. Prefácio de Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Bortelho, 2011. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/silhuetas/a_voz_espiritual_LUIZA.html>.

PEREIRA, Durval de Almeida Baptista. *Depoimento para a história da vida e da obra de Ismael de Lima Coutinho*. Disponível em:

<<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/wp/?p=1758>> e em <http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/depoimentos_para_historia.pdf>. Acesso em: 09/10/2016.

ROBERT, Maria Teresa Coutinho. Ismael de Lima Coutinho e os estudos linguísticos no Brasil. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CIFEFIL, ano 17, n. 50, p. 88-103, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/50/05.pdf>>.

VALLE, Rosalvo do. Um inédito do Prof. Ismael de Lima Coutinho: estremunhado. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2001.